

A via crucis por Albert Servaes

De Kruisweg door Albert Servaes ¹
1991

Titus Brandsma
Tradução: Bruno Schröder *

Apresentação

Anno Sjoerd (Titus) Brandsma nasceu em 23 de fevereiro de 1882, em Ugoklooster, uma pequena propriedade rural próxima a Bolsward, na Frísia, região norte dos Países Baixos. Religioso católico, professor universitário e jornalista, Brandsma possuía uma latente inquietação e sensibilidade frente às questões sociais de seu tempo, sobretudo na defesa da verdade e liberdade de imprensa quando da ocupação alemã de seu país em 1940.

Em 1923, com a criação da Universidade Católica na cidade de Nijmegen (Nimega), hoje *Radboud Universiteit Nijmegen*, Titus Brandsma seria convidado a compor o corpo docente na cadeira de História da Mística e de Filosofia e, em 1932, ocuparia o cargo de *Rector Magníficus*. Paralelo ao período de magistério, Titus Brandsma deu continuidade a outras atividades de suas paixões: as letras e o jornalismo. Contribuiu para a criação e o desenvolvimento de uma revista

Tradução submetida em 12 de julho de 2024 e aprovado em 11 de dezembro de 2024.

¹ Nota do Tradutor – N.T. - Texto original em neerlandês escrito em 1921 e publicado pelo Instituto Titus Brandsma em 2019. Disponível em: <https://www.titusbrandsmateksten.nl/de-kruisweg-door-albert-servaes/>. Direitos reservados à *Nederlandse Karmelprovincie*. Os desenhos da *Via Crucis*, realizados por Albert Servaes em 1919, que esta meditação acompanha, estão disponíveis em www.kruiswegstaties.nl

* Mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas e Especialista em Ciências da Religião pela mesma instituição. País de origem: Brasil. ORCID: 0009-0008-2396-5901. E-mail: bcs-bcs@hotmail.com.

chamada inicialmente de *Baptista Mantuano* e, mais tarde, *Van Nederlands Carmel*. Nela redigiu diversos artigos que assinou com o pseudônimo de *Isebrand*. Outra colaboração importante para as comunicações foi a fundação ou a direção de alguns jornais como o *Karmelrozen*, do jornal da cidade de Nijmegen, o *De Gelderlander* e o da cidade de Oss, *De stad Oss*. Sua admiração pelas letras e por Teresa de Jesus o levou a iniciar um projeto ambicioso, o de traduzir para o neerlandês as obras completas da doutora de Ávila, um propósito interrompido diversas vezes, mas que, mesmo em meio a tantos desafios, gerou algum fruto. Do seu esforço resulta a tradução de uma antologia sobre a vida de Teresa e os livros *Vida*, *Fundações*, *Moradas* e a primeira parte de *Cartas*.

Do seu período como reitor na universidade, temos pronunciamentos muito importantes como o *Godsbegrip* (1932), “Sobre o Conceito de Deus”, nele são desenvolvidos temas como o abandono de Deus pela sociedade pós-moderna, o “neopaganismo”, o testemunho e a responsabilidade. Titus Brandsma escreve:

Entre as muitas perguntas que faço a mim mesmo, nenhuma me ocupa mais do que o enigma de que o ser humano desenvolvido, orgulhoso e convicto de seu progresso, se afasta de Deus em tão grande número. [...] Vivemos em um tempo de grande confusão no reino do pensamento. Os sistemas mais contraditórios são venerados como verdade e defendidos com entusiasmo por estudiosos reconhecidos. Mas a mais terrível contradição vejo nos pensamentos sobre Deus. Ao lado da grande, felizmente ainda esmagadoramente grande, maioria que tem uma visão muito clara de Deus e o adora com reverência, estão – a imprensa e as estatísticas mostram isso sem disfarces – centenas de milhares, não, milhões, estremeço ao mencionar números tão altos, mas são milhões que não veem mais fundamento para sua compreensão de Deus e, não satisfeitos em negar sua existência, travam uma luta cheia de paixão e ódio para banir toda ideia de Deus da sociedade. (Brandsma, 1932, tradução nossa).²

Podemos citar também o seu discurso na cidade de Deventer intitulado *Vrede en Vredelievendheid* (1931), “Paz e amor à paz”, onde ele desenvolve os temas da paz, do amor e do testemunho. Esse período foi igualmente rico, pois, de 1930 a 1935, são realizados os Congressos de Teologia Mística em Nijmegen (Nimega).

² “Onder de vele vragen, welke ik mijzelf stel, houdt wel geen mij meer bezig dan het raadsel, dat de zich ontwikkelende mensch, prat en fier op zijn vooruitgang, zich in zoo grooten getale afkeert van God. [...] Wij leven in een tijd van groote verwarring in het rijk der gedachte. De meest tegenstrijdige stelsels worden als waarheid gehuldigd en door erkende geleerden met geestdrift verdedigd. Maar de meest ontzettende tegenstelling zie ik in de gedachten omtrent God. Naast de groote, gelukkig nog overweldigend groote menigte, die zich van God een zeer bepaalde voorstelling maakt en Hem met eerbied aanbidt, staan – pers en statistiek stellen het onverbloembaar vast – honderdduizenden, neen, millioenen, ik huiver bij het noemen van zoo hooge getallen, maar millioenen zijn er, die geen grond meer zien voor hun Godsbegrip en niet tevreden met zijn bestaan te ontkennen, een strijd voeren vol hartstocht en haat om elke gedachte aan God uit de samenleving te bannen.”

As pessoas acreditam, ou melhor, proclamam abertamente, que numa sociedade com princípios de paz e amor não se começa nada, que na luta pela existência é preciso ser forte e tornar-se cada vez mais forte, porque o poder do mais forte cria justiça. Não, não estou exagerando. É certo que ainda há indulgência no mundo, ainda há amor e justiça, ainda há reconhecimento da lei e da ordem, mas o que é espantoso é o que se proclama contra ela sobre os fundamentos do direito, sobre a organização da sociedade, sobre a necessidade de luta e de contra-ataque. Cheguei mesmo a ouvir acadêmicos muito sérios e cristãos sinceros advertirem contra a atual ação de paz, fazendo referência à história, que ensinaria claramente que só uma nação que sabe lutar pode falar de uma era de prosperidade e progresso na sua história. (Brandsma, 2023, p. 797).³

Em 1935, Titus Brandsma parte para a América do Norte a fim de ministrar uma série de conferências sobre espiritualidade, sendo a primeira na Universidade Católica de Washington, depois em Chicago e em Middletown. Sua conferência de maior destaque seria a ministrada em Niagara Falls, na qual, admirado com tamanha beleza das quedas d'água, perguntar-se-ia “acerca da cegueira do homem moderno para descobrir a presença de Deus na criação e no mundo” (Romeral, 2018, p. 28).

Cheio de admiração, fico olhando para o estrondo das águas, que mergulham incessantemente do leito alto para o novo leito subitamente metros abaixo. [...]. Mas há algo mais. Volto à água que se derrama diante de mim. Ela também é uma imagem de nossa natureza. Essa maravilhosa cachoeira é visitada por milhões de pessoas por sua beleza incomparável. Eu, por mim, prefiro olhar para o lado mais profundo desse maravilhoso fenômeno natural; não são apenas meus olhos e ouvidos que são cativados, mas muito mais meu intelecto, que reflete sobre o que Deus colocou na água. Não vejo apenas a riqueza da natureza da água, sua potencialidade incomensurável, vejo Deus trabalhando na obra de Suas mãos e na revelação de Seu amor (Brandsma, 1935).

Essa conferência seria posteriormente publicada em Chicago, com o título “Carmelite Mysticism. Historical Sketches”, em Dublin e Londres, como “The Beauty of Carmel” e em outras edições, como “Carmelite Mysticism”.

Ainda em 1935, Titus Brandsma é nomeado para o cargo de assistente eclesiástico da União dos Jornalistas Católicos nos Países Baixos, apenas dois anos após a eleição de Hitler como chanceler da Alemanha, tempo de profunda

³ “Men meent, neen, men verkondigt het openlijk, dat men in de maatschappij met beginselen van vrede en liefde niets begint, dat men in den strijd om het bestaan sterk moet zijn en zich steeds sterker moet maken omdat de macht van den sterkste het recht scheidt. Neen, ik overdrijf niet. Zeker, er is nog wel toegeeflijkheid in de wereld, er is nog wel liefde en rechtvaardigheid, er is nog wel erkenning van recht en orde, maar ontstellend is toch hetgeen daartegenover wordt verkondigd over de grondslagen van het recht, over de inrichting van de maatschappij, over de noodzakelijkheid van strijd en tegenweer. Ik heb zelfs hoogst ernstige hooggeleerde en oprecht christelijke personen hooren waarschuwen tegen de huidige vredesactie met een beroep op de geschiedenis, die nu eenmaal klaar en duidelijk zou leeren, dat slechts een volk, dat weet te vechten, van een tijdperk van bloei en vooruitgang in zijn geschiedenis kan spreken.”

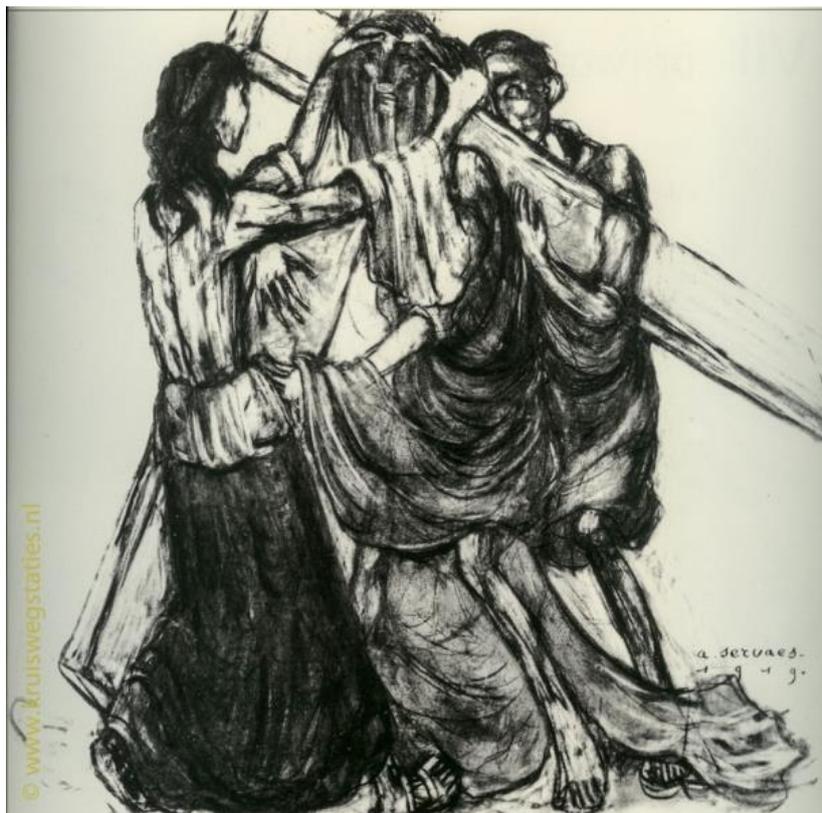
tensão em toda a Europa. Em seu discurso de posse, Titus Brandsma afirmava que a imprensa católica deve contribuir através do pacifismo e da conciliação, mas “esse caráter conciliador não surgia, no entanto, de compromissos ou de esconder a verdade, mas de mostrá-la em todas as suas dimensões, ainda que dentro da caridade e do respeito” (Romeral, 2018, p. 31). Para Titus Brandsma, que inclusive era membro da Federação Internacional de Jornalistas, o jornalismo é uma “verdadeira vocação ao serviço da verdade” (Romeral, 2018, p. 30). Em outro lugar, ele também dirá que “[...]. A imprensa é a força da palavra contra a violência das armas [...]. É a força da nossa luta pela verdade. (Brandsma *apud* Romeral, 2018, p. 33).

O seu comprometimento com a verdade o colocou, desde o início do regime nazista, sob os olhares atentos da Gestapo. Titus Brandsma nunca se esquivou de defender a liberdade, e isso lhe trouxe sérias consequências. Aos 19 de janeiro de 1942, é levado do convento carmelita em Nijmegen (Nimega) para a prisão em Arnhem e de lá seguiria para outros tantos lugares como Scheveningen, Amersfoort (onde meses mais tarde passaria Edith Stein), Kleve até chegar em Dachau onde receberia uma injeção letal de ácido fênico em 26 de julho.

O texto aqui apresentado é um dos frutos do olhar sensível de Titus Brandsma. Trata-se da meditação à *via crucis* desenhada por Albert Servaes em 1919 para a capela dos religiosos carmelita descalços recém-construída em Luithagen, Bélgica. Seus desenhos causaram grande escândalo na época devido ao seu caráter realista, que contrastava com a tradição de representar o sofrimento de Cristo de maneira “bela e nobre”. O artista belga retratou as estações da Paixão com uma crueza que chocou o público e a Igreja Católica. Influenciado pela guerra, Servaes usou apenas carvão e papel para mostrar a história da Paixão de Cristo em toda a sua desumanidade.

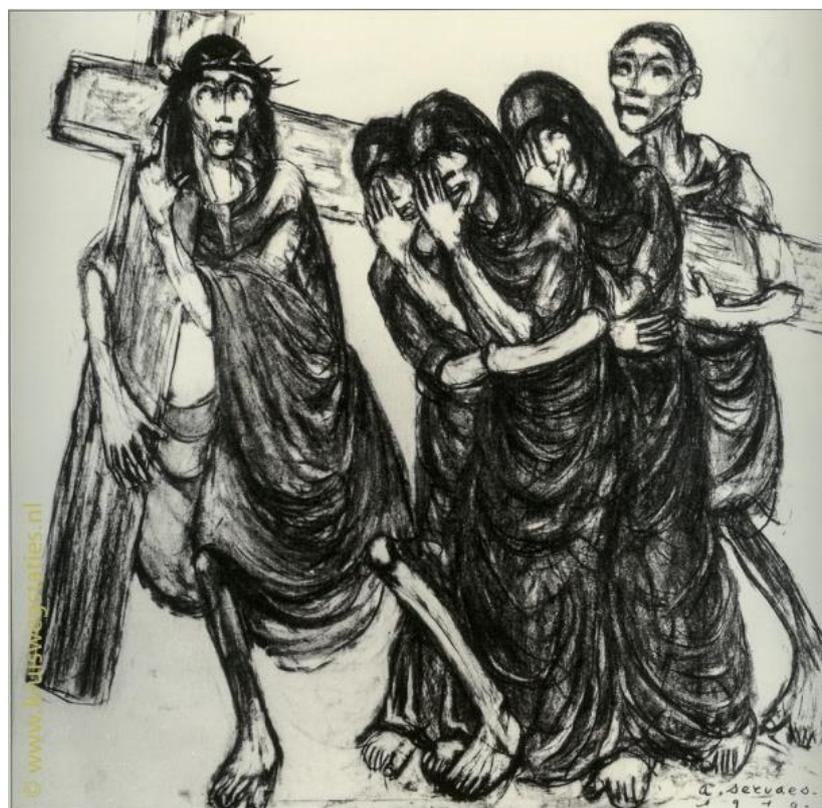
Conforme observa-se abaixo:

Imagem 1 – VI Estação

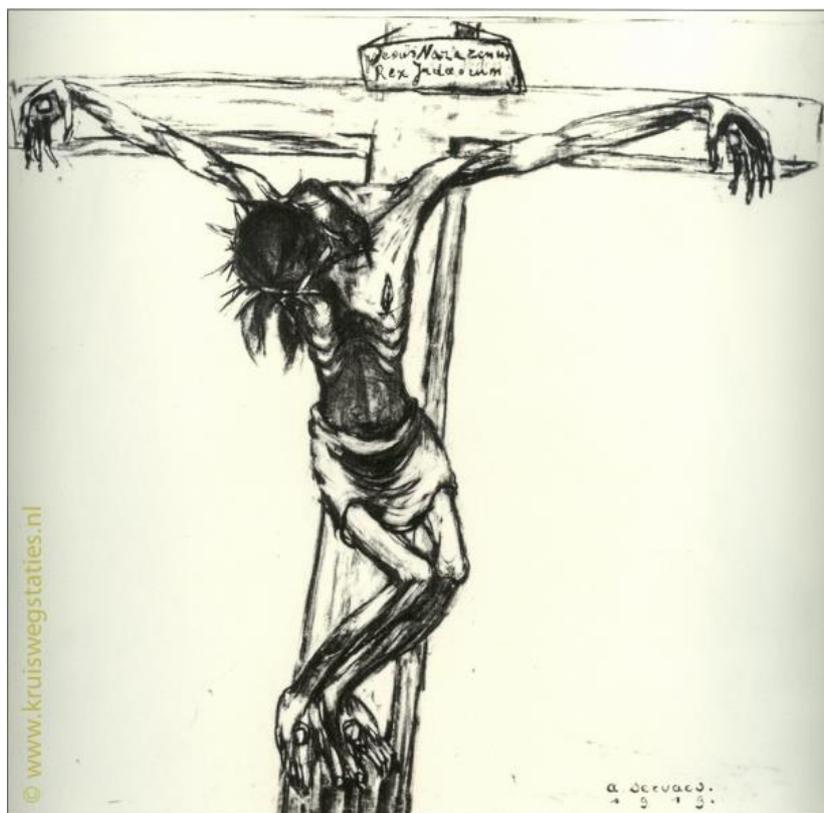


Fonte: (*Kruisweg van Luithagen*, 1919)

Imagem 2 – VIII Estação



Fonte: (*Kruisweg van Luithagen*, 1919)

Imagem 3 – XII Estação

Fonte: (*Kruisweg van Luithagen, 1919*)

Sua representação de Jesus magro e impotente foi considerada inadequada e teve que ser removida da capela por ordem da Santa Sé. As figuras em suas obras eram frequentemente distorcidas e expressavam profunda dor, algo visto como desrespeitoso para as representações da época.

Titus Brandsma decide intervir nessa querela buscando mediar uma solução entre Servaes e a Santa Sé. Tentou a diplomacia por meio de seu amigo e Postulador Geral da Ordem do Carmo em Roma, Hubertus Driessen, mas sem êxito. Por esse motivo, o professor Brandsma decide compor uma meditação ao trabalho de Servaes, um modo de ressignificar o escândalo que o público poderia vir a ter ao contemplar os desenhos de Jesus retorcido. Apesar de seus esforços, Titus Brandsma não conseguiu impedir que a obra fosse velada e, por fim, o decreto teve de ser acatado e a obra removida do acesso público. Contudo, pode-se dizer que ela alcançou algo muito maior que a justa contemplação dos fiéis, ela nos trouxe um grande questionamento: o verdadeiro escândalo não está na representação de Jesus esquelético e inânime, mas no fato de que nós nos escandalizamos dele. Ele não sofreu apenas por sofrer, mas para se identificar

completamente com a condição humana. Ao assumir todas as dores, fraquezas e fragilidades que os seres humanos enfrentam, Jesus mostrou que o amor verdadeiro não evita o sofrimento, mas o enfrenta e o transcende. Cristo é a manifestação do amor de Deus, que, de modo algum, é distante ou indiferente, mas profundamente envolvido na experiência humana. Deus, através de Cristo, escolheu sofrer ao lado da humanidade, compartilhando suas dores e angústias.

Essa meditação de Titus Brandsma, apesar de possuir um forte caráter devocional, mostra-se relevante por ser umas das obras a problematizar a tensão das discordâncias do uso da arte expressionista dentro dos lugares de culto. O Expressionismo surge no início do século XX em um contexto de profundas transformações culturais, particularmente após a desilusão que se seguiu à Primeira Guerra Mundial. Por conter um forte apelo às formas distorcidas, cores vibrantes e abordagens subjetivas, foi considerado pela Igreja Católica – à época governada por Pio X (1835-1914) – uma representação inadequada, e até mesmo herética, dos temas sagrados.

A seguir, o texto na íntegra. As demarcações de parágrafos seguem como no original:

Primeira Estação: Jesus condenado e levado

Oh, Deus, tenho que olhar para ti assim? O que aconteceu nesta noite? O que fizeste de errado com o teu povo para que ele te maltratasse dessa maneira? Não apenas maltratado, mas entregue para ser crucificado. Previste que nesta noite o pastor seria abatido; e as ovelhas, dispersas. Tua advertência ainda ressoa em meus ouvidos: “Vigiai e orai, para não cairdes em tentação”⁴.

Mas, mesmo assim, eu dormi. Ah, durante esse tempo, Tu te tornaste desconhecido para mim. Fria como o gelo, surge a pergunta em minha cabeça embrumada: se Tu, o Cristo, deveria ou poderia sofrer isso? Previste, também, isso em tua palavra: “Esta noite todos vós sereis afligidos em mim”⁵. Infelizmente é assim, estamos aflitos em ti e não temos nem mesmo a coragem de fitar teu

⁴ N.T. – Cf. Mt 26,41

⁵ N.T. – Cf. Mt 26,31

sofrimento, do qual nós mesmos somos a causa. Enquanto suplicas “Vê se há uma dor como a minha”⁶, achamos que não podemos ver esse sofrimento. Nossa mente se revolta quando nossos olhos te veem despojado, espancado e machucado ou despedaçado, de modo que não há parte de teu corpo que ainda possa ser chamada de sã.

Como em uma eira, o malho do pecado debulhou o trigo sagrado e quebrou a palha.⁷ A última gota ainda não foi derramada. Teu corpo já está coberto pela palidez da morte, mas em teus olhos leio o brilho do fogo do teu amor, que arde como uma febre e te consome até o fim. Esse olhar levou Pedro ao arrependimento nessa noite. Leio nele a reprovação silenciosa de que não quero conhecer-te, exasperado por tua impotência, envergonhado por tua humilhação. Quiseste ser contado entre os maiores criminosos, e eu gostaria de ver-te como Rei em marcha triunfal à Cruz, nas alturas do Calvário.

Ó Deus, afasta de mim esse aborrecimento! Eu sei que “vigiai e orai” é tudo o que tu me respondes. Enquanto quatro mãos de carrascos te levam de forma bruta e insensível para ser crucificado, ouço novamente: “Vigiai e orai, para não cairdes em tentação”. Deus, eu vou orar. Quero ver teu sofrimento, quero sondar a profundidade de teu amor vendo a profundidade de tua humilhação.

[133]

Segunda Estação: Jesus toma sua cruz

Meu Deus, esta pesada Cruz, na qual querem pregar-te, Tu ainda precisas carregá-la? Meu Deus, Tu não podes. Já sofreste demais. A terrível perda de sangue tirou tuas últimas forças. É verdade, pensam os carrascos, que ainda será possível e que eles levar-te-ão vivo até o topo da montanha. Mas, ainda assim, é terrível. Aquela Cruz que abraças logo levará teu corpo torturado, preso a ela com pregos. Só esse pensamento já deve ter-te feito estremecer diante dela, embora tuas forças corporais o permitissem, tornaria impossível carregá-la até o Calvário. Não poderias, então, ter um momento de descanso antes da mais terrível das torturas, que estarias prestes a começar? Acaso não poderias ser poupado da cruel torpeza de carregar o teu próprio instrumento de tortura até o local da punição?

⁶ N.T. – Cf. Lm 1,12

⁷ N.T. – “Seu corpo foi castigado como se fosse trigo.”

Tu, que já não tendes forças para ir até lá sem o fardo da Cruz. O pecado não conhece descanso. O desejo pecaminoso nunca é satisfeito. Assim como agora, sem descanso, o poder das trevas conduz teu sacrifício. Como um cordeiro, és levado ao matadouro. Nenhuma queixa escapa de teus lábios.

Não, enquanto teu corpo quase entra em colapso e é completamente incapaz de suportar o pesado fardo da Cruz, teus olhos brilham como fogo santo, agora que contemplam o trono do Rei, que não é deste mundo e no qual quatro cravos deformados pretendem elevar-te. É como se, por um momento, tuas forças se reavivassem, de modo que Tu,[2] enquanto pensavam em obrigar-te, colocaste os braços ao redor do madeiro da Cruz para carregar, até o terrível fim, o fardo. Nossos pecados tornaram-no cada vez mais pesado, e nós não o queremos carregar. Não há ninguém que te ajude. Teus olhos procuram por todos os lados se há alguém que queira carregar tua Cruz, mas não há ninguém. Sozinho, deves pisar o lagar que arrancará de teu próprio corpo a última gota de sangue. Ó Cruz, ó Madeira Sagrada, nas mãos de meu Deus, definitivamente pesada, mas por Ele carregada com a última força que havia n'Ele, eu não poderia não a tomar sobre mim, agora que vejo Meu Jesus indo à minha frente e, assim, tornando-a leve para meus ombros. Ó Deus, não seguirei apenas tua *Via Crucis*. Levarei Contigo a Cruz, a minha Cruz, que envias sobre mim. Portando, minha Cruz, subirei contigo ao monte santo.

[134]

Terceira Estação: Primeira queda de Jesus

O Todo-Poderoso em sua impotência! O Deus forte incapaz de fazer o que lhe é exigido, incapaz de desafiar os carrascos com orgulho. Tuas forças se esgotaram. Cambaleando, meu Salvador hesita, até que, depois de pouco tempo, tropeça e cai. Lá estás Tu então, ó Deus. Não poderia ser crucificado aqui? É para matar-te, afinal! Não veem que não podeis ir mais longe? Tu continuarás, assim o querem teus algozes, e tua impotência é um novo incômodo para eles. Ainda assim, aos olhos deles, tua força não se esgotou. Eles te deixam deitar por um momento, mas te levantam novamente e te levam adiante. Com chutes e golpes, eles pensam em despertar tuas últimas forças. Eles não sabem que, com um coração tão disposto, Tu desejas carregar a Cruz, mas queres nos mostrar que isso

exigirá teu último fôlego. Agora vejo, Santo Exemplo, que quando desabamos sob a Cruz e não podemos fazer mais nada, nossa impotência encontra consolo em tua queda, que nossa Cruz, comparada à tua, é leve, enquanto não ameaçarmos sucumbir a ela. E então saber, oh, meu Deus, que meus pecados tornaram tua Cruz tão pesada que sucumbiste sob ela, isso me faz sentir ainda mais fortemente que tenho de carregar minha Cruz contigo e não devo nem mesmo hesitar, mesmo que eu ache que esteja sucumbindo sob teu fardo. Em tua fraqueza, Tu venceste o mundo. Permite-me, contigo, ser fraco e me rebaixar sob o peso da vida, ser pequeno e ínfimo aos olhos do mundo e me elevar contigo a novos sofrimentos, até que minha morte seja a coroação de meu sacrifício.

Que eu mantenha meus olhos fixos em ti quando estiveres caído sob a Cruz, como um verme que as pessoas pisoteiam, enquanto recebes chutes e golpes daqueles a quem desejas abençoar. Que eu não te imagine sempre como o Poderoso e Forte, carregando ferozmente o madeiro da Cruz com a cabeça erguida. O Cristo teve que se curvar, teve que cair, sucumbir à Cruz e, assim, entrar em Sua Glória. Sua sagrada humanidade teve de ser destruída. Nenhuma outra forma humana deveria ser visível nele, tão cruelmente Ele teria que ser maltratado. Já aqui vemos Suas forças o abandonarem. Meu Deus, permita-me frequentemente considerar tua humilhação diante de teus impiedosos carrascos e, assim, aprender a suportar que não me considerem capaz de fazer o que eu gostaria.

[135]

Quarta Estação: Jesus encontra sua mãe

Deverias ver Maria assim? Tua mãe, que mais do que qualquer outro sentiria tua dor, cujo coração seria traspassado por uma espada ao ver-te assim.

Deveria, também, esse sofrimento ser somado a tantos outros inomináveis nesta estrada? Maria tinha que ir até Jesus.

O coração de sua mãe não a deixaria descansar até que testemunhasse o que aconteceu com seu Jesus, seu Jesus, o mais belo de todos os seres humanos, em cuja aparência se lia o mais alto Ser que havia assumido a natureza humana, agora irreconhecível, deformado, quebrado, uma ruína que ameaça desabar, o

Homem das Dores, em quem não há mais beleza nem glória, equiparado ao maior dos criminosos, coberto de sangue e hematomas, manchado de sujeira e cuspe dos carrascos.

Aqui o Evangelho não põe palavras na boca de tua Mãe.

A dor dela a silencia, e Tu, meu Jesus, não dizes uma palavra.

Apertas os lábios para manter a força e não cair aos pés de tua Mãe.

Mas, oh, vossos olhos se encontram, e eloquente é o teu silêncio.

Oh, Maria, permita-me ver contigo o teu Jesus, como silente testemunha de sua dor.

Ó Jesus, encontra-me e deixa-me fitar-te em todo o teu terrível sofrimento! Nas mãos da Mãe forte, tua Mãe e minha, serei capaz de olhar de perto esse sofrimento e sondar sua profundidade.

Decidi seguir-te em tua dolorosa *Via Crucis*.

Quero fazer isso de mãos dadas com tua terna Mãe.

Ela foi provavelmente a única pessoa que entendeu bem o que sofrerias naquela *Via Crucis*.

O coração da Mãe sente tão profundamente, e sua fé a fez compreender o que estava oculto.

Oh, Maria, ensina-me a ver o Sofrimento de Jesus, a ruína do teu Filho, que Tu ofereceste como sacrifício por mim.

E faça com que esse sacrifício não seja infrutífero para mim, que eu não passe indiferente por esse inominável sofrimento.

[136]

Quinta Estação: Simão é forçado a ajudar Jesus

Desamparado estás aí, meu Deus, Tu te ergueste de tua queda, mas teus

pés se recusam a servir-te, agora que teus ombros têm novamente que carregar esse pesado fardo. Tremendo estás sobre teus pés, a Cruz se estende como apoio para que não caias, porém, quando precisas levantá-la do chão para carregá-la adiante, vacilas e ameaças desfalecer novamente. No entanto, deves e vais subir a montanha, assim querem teus algozes, também carregarás tua Cruz. Se não puderes carregá-la sozinho, te será concedida ajuda para não desfalecer antes do fim do caminho. Devem trazer-te vivo até lá em cima. Até aí, oh, Deus, chegaste mais morto do que vivo, torturado, exausto, também sob o peso de chutes e golpes, incapaz de arrastar tua Cruz até o topo da colina. Desamparado estás! Como teus inimigos desejam que chegues vivo ao lugar do castigo, com crueldade piedosa, permitem que sejas ajudado, só para que possas ser torturado. Mas, por mais que estejam dispostos a fazê-lo, não se dignam a mover um dedo. Ajudar-te? Seria equivalente a expor-se à vergonha. Ajudar-te? Apenas alguns passos até o topo do monte, seria uma humilhação, à qual nem mesmo os carrascos se atreveriam a fazer. Eles prefeririam tê-lo espancado até a morte no local, e então o trabalho deles estaria concluído. Mas não a de teus inimigos, que queriam verte na Cruz, humilhado até o fim, até onde fosse humanamente possível. Quem vai ajudar-te, Jesus?

Em vão teus olhos procuraram ao redor para ver se havia alguém que pudesse ajudar, mas não havia ninguém. Desolação infinita, ninguém, ninguém para te dar esse pequeno conforto. Ninguém que se movesse por ti. Indiferentes, todos observam e te deixam ali, desamparado, incrivelmente desamparado. Finalmente, eles forçam um estranho, que, incapaz de resistir e, portanto, incapaz de fazer qualquer outra coisa, te ajuda, não apenas frio e indiferente, mas por necessidade, talvez amaldiçoando a ti e a tua Cruz e, sem compaixão pela tua fraqueza, pega a Cruz e te impulsiona adiante com ela. Meu Deus, às vezes penso que eu teria sido melhor e, com amor, teria tirado a tua Cruz para aliviar-te do peso daquela terrível última caminhada. Mas [137] não, Simão é uma imagem de mim também. Eu digo que quero seguir-te em tua *Via Crucis*, mas cada pequena Cruz, mesmo a mais leve, eu gostaria de lançá-la para longe. Sinto tão pouco por ela quanto ele para testemunhar, zombando daqueles que não te amam, que quero te servir. Meu Deus, não quero mais ficar inerte. Hoje mesmo, pego a tua Cruz e quero tentar carregá-la atrás de ti.

[137]

Sexta Estação: verônica enxuga o rosto de Jesus

Ah, Verônica, tu procuravas teu Amado. Ele estava contigo, mas teus olhos não reconheciam mais tua Semelhança. No entanto, teus olhos encontraram os d'Ele, e eles gritaram para ti: “Veja o que foi feito de mim. Tu não vês pelo meu rosto e pela minha postura que sou Eu, mas olhe para a minha roupa, que foi jogada sobre mim, para que Eu possa ser reconhecido”. Oh, Deus, como tua beleza foi desfigurada. Oh, sim, teu adorável rosto estava completamente coberto de suor e sangue, manchado de saliva e sujeira, irreconhecível pelo verde da coroa de espinhos, misturado com o preto das mãos que a teceram ao redor de tuas têmporas, manchado de azul pelas chibatadas e arranhões da flagelação, vermelho e inchado pelo soco do punho do executor, a barba arrancada em vários lugares, com uma violência que, segundo a descrição de alguns, teria rasgado até mesmo os cantos da boca. Quem te conhecerá sob essa deformidade? Oh, nós nem sequer pensamos que podemos ver-te assim, embora Tu tenhas sofrido por nós. Queremos mudar o teu rosto com Verônica, para que possamos reconhecer-te novamente como nosso Senhor cheio de majestade, mas, ah, nenhum pano limpará tua deformidade. Pelo contrário, tua maravilhosa bondade imprimiu uma imagem nesse pano, na qual vemos tua santa Face sofredora, para podermos ainda a imprimir profundamente em nossas mentes. Oh, Verônica, contigo eu vou a Jesus para tirá-lo de toda essa sujeira e reconhecê-lo novamente. Que eu receba a graça contigo, que a imagem de Jesus permaneça em minhas mãos e que eu esculpa essa imagem de dor insondável profundamente em minha mente. Que eu não feche meus olhos como Simão para a tua imagem impressa no sudário, mas sempre me lembre novamente do que te fizeram sofrer por causa dos meus pecados.

[138]

Sétima Estação: Segunda queda de Jesus

Meu Deus, Tu não podes mais. Até mesmo caminhar sob a Cruz, cujos braços fortes aliviam para ti, é demais para ti. Ela pressiona teus ombros. Mesmo que não tenhas que arrastá-la, a pesada árvore te pressiona para baixo, enquanto precisas de toda a tua força para não desmoronar. Não é apenas tropeçar porque

teus pés recusam seus serviços, Tu desmoronas. Ainda agarras a Cruz com um braço, o outro estende-o para não sucumbir completamente, mas se teu ajudante assustado não erguer logo o pesado feixe, teu braço também não será mais capaz de te apoiar e Tu ficarás deitado no chão. Tu não podes mais. Um momento de descanso pode te proporcionar um último esforço e permitir que te ergas, mas tua força te abandonou e, impotente, Tu inclinas a cabeça para o chão. Ó, impotência de meu Deus, ó, humilhação terrível, ó, queda horrível. A roupa abrasa sobre a pele chagada e rasga tuas feridas novamente, a trave áspera da Cruz corta o braço e o ombro e finca a coroa de espinhos em tuas têmporas. O chão de pedras duras e afiadas, coberto de poeira e sujeira, fere e imunda tuas mãos, teus joelhos e teus pés. O sangue tinge o chão e as roupas. Mesmo assim, nenhuma piedade brota no coração de teus carrascos. Eles ainda não estão satisfeitos. Eles veem que Tu ainda não desfaleceste. Quanto mais perto estás do local do abate, mais cruel se torna o tratamento deles. Mais alguns passos e alcançarás a meta. Até o último esforço, eles te obrigarão. Pode ser tua morte, Tu deves morrer. Tão perto do fim, eles não temem mais que não alcances a morte na Cruz. Zombam de tua impotência e riem dela, como se quisessem escapar da morte na Cruz. Eles não sabem como essa segunda queda prova que Tu estás gastando as tuas últimas forças para chegar ao Calvário e lá morrer por nós. Também a tua força, a tua orgulhosa força masculina, Tu a ofereces por nós. E então eu reclamo das pesadas cruces. Eu apenas desmorono, porque não tenho nem a coragem, nem o amor para carregá-las contigo.

Deixo-te deitado sob a tua Cruz e não dou um passo para te mostrar que não quero que Tu, exausto até a morte, a carregues até que caias. Oh, Jesus, eu não quero isso. Não permitas que minhas ações contradigam essa vontade.

[139]

Oitava Estação: Jesus conforta as mulheres que choram

Bem podem chorar as mulheres que te amam. Tu te ergueste novamente e, num último esforço, arrastas-te para o lugar da terrível coroação de tua já tão terrível tortura. Esses são teus últimos passos. A cor da morte já cobre teu rosto, e teu semblante seria irreconhecível se não fosse o teu olhar ainda pregando amor. Em Jerusalém, aquelas mulheres ouviram dizer que te levaram ao Calvário.

Elas esperam ver-te novamente, para te dar um último aceno. Oh, toda Jerusalém deveria ter vindo para te libertar das mãos dos algozes, mas como loucos eles gritaram: “Crucificam-no!” Esse grito de condenação ainda ecoa pelas ruas de Jerusalém e assustou as mulheres. Não pode ser, pensam elas. Elas correm para a montanha, para onde aponta uma trilha sangrenta. Jesus avançava lentamente, suas quedas prolongaram o caminho. Assim, as mulheres chegam ao monte antes dele. É esse o seu Jesus? Elas não conseguem dizer uma única palavra. Elas choram. Pois chorar é sua condição. A dor de Jesus a deixa muda e faz com que as lágrimas escorram de seus olhos, lágrimas de verdadeira compaixão, arrancadas de seus olhos porque Jesus, seu benfeitor, o amado de seus corações fiéis, foi tão cruelmente maltratado, para em alguns minutos sofrer um mal ainda mais terrível. Jesus vê suas lágrimas. Embora Ele próprio esteja à beira da mais extrema dor, Ele quer consolar e recompensar essas mulheres que choram ali por Ele, dando-lhes uma última palavra, ao mesmo tempo uma lição para nós sobre como devemos segui-lo em seu caminho para a Cruz. Até agora, meu Jesus, eu te seguia como aquelas mulheres, especialmente com um sentimento de horror e piedade. Até agora eu tenho te seguido, meu Jesus, como essas mulheres, especialmente com um sentimento de horror e compaixão. Agora, Tu me dizes como devo seguir-te: “Não chores por mim, mas chore por si mesma e pelos seus”⁸. Embora o teu sofrimento me traga lágrimas aos olhos, ó bom Jesus, ainda assim devo reconhecer que foram os meus pecados que te fizeram ser tão cruelmente maltratado, e devo chorar por isso, por ser a causa do teu sofrimento. Ó Jesus, deixa-me chorar por mim mesmo, pelo madeiro seco que merecia ser lançado ao fogo e destruído. Mas Tu queres pagar todas as minhas dívidas, dar nova vida ao madeiro seco, enxertando-o na Cruz, unindo-o a ti. Ó Jesus, permite-me seguir o teu Caminho da Cruz com arrependimento.

[140]

Nona Estação: Terceira queda de Jesus

Ó, Jesus, estás aqui, ah, mas à custa de tuas últimas forças. O caminho está feito, exausto, caís por completo. Agora não podes mais fazer nada. Até o último momento te martirizaste para chegar ao topo. Sacrificaste tuas últimas forças por

⁸ N.T. – Cf. 23,28

nós. Agora estás prostrado por terra. Não é necessário amarras para segurar o cordeiro sacrificado no local do abate. Estás lá, diante dos teus algozes. Eles agora podem começar seu trabalho. Teu braço, uma vez tão forte, agora está impotente e pendurado inerte ao lado do teu corpo, incapaz até de segurar as vestes soltas. Meio nu, jazes no chão, desamparado. A Cruz escapa das mãos de Simão e desaba sobre ti. Ele a levanta novamente, mas, oh, como aquela trave deve ter te pressionado para baixo. Tu jazes no chão como um verme, no pó e na lama, que penetra em tuas feridas abertas e adiciona uma inflamação ardente a todo o teu terrível sofrimento. O profeta estava certo ao prever que já não parecerias humano e serias como um verme pisoteado. Teus inimigos devem ter temido que estivessem exigindo demais de tuas forças, pois aí estás, impotente e quase morto, aos pés deles. Mesmo assim, eles não têm piedade, e um prazer cruel brilha em seus olhos quando percebem que estás vivo. Sim, Jesus vive. A taça do sofrimento ainda não foi esvaziada até o fim. Embora o percurso até o local de martírio tenha sido concluído, agora é que o mais cruel de todos os tormentos começará. Após a tua flagelação, Pilatos disse: “Eis o homem”. O que ele diria se te olhasse agora? No Jardim das Oliveiras, a angústia da morte te sobreveio e o teu sangue tingiu o chão; aqui a realidade tomou o lugar da imaginação e Tu jazes exausto por todos os teus tormentos, enquanto as últimas gotas do teu sangue umedecem o chão. Aqui também não há anjos para te confortar, ao teu redor estão lobos famintos, prontos não para te confortar, mas para te pregar na Cruz. Meu Deus, meu Deus, como foste profundamente humilhado, agora estás aí como uma presa, a quem se dá um momento de repouso apenas para atacar com ainda mais fúria. Eu não consigo te ver assim. Acaso não és o meu Deus? Sim, eu preciso da fé para te ver como Deus. Tua humilhação deveria ir tão longe assim, a ponto de toda a majestade desaparecer?

[141]

Décima Estação: Jesus é despido

Impiedosos, os carrascos observam por um curto tempo sua vítima indefesa a seus pés. Ele não pode mais se levantar. Mas seu trabalho de carrasco precisa ser concluído e, além disso, Ele poderia morrer no chão. Ele precisa ser colocado na Cruz. Recebem pagamento por esse trabalho de carrasco, que não gostariam de perder. Então, eles o levantam e, apoiando-o pela metade, para que

não caia, agarram com mão dura o corpo ensanguentado para arrancar com a outra mão a roupa que adere às feridas e a tomam para si como um bom saque. Mais tarde, quando o trabalho estiver terminado, eles vão jogar a sorte pelas roupas. E Jesus suporta esse opróbrio, essa vergonha. Esses algozes cruéis não poupam nada. Não se importam em golpear em feridas profundas; afinal, suas mãos já estão manchadas de sangue. A roupa é tudo o que desejam. Eles não olham para Jesus. Sua paciência os torna ainda mais cruéis. Como um cordeiro sendo levado ao matadouro, Ele não abre a boca. Ele se arrepia e treme de impotência e febre e, se não fosse pelo fato de que o calor da febre acompanhado da perda de sangue, Ele teria enrugado todo o seu corpo e secado a fonte das lágrimas.

No fundo de suas órbitas, apenas os olhos refletem a dor torturante, agora ainda mais intensificada pela vergonha de estar novamente despido diante dos olhos de seus inimigos, cujas mentes se enchem de uma nova sede de sangue ao ver aquele corpo ensanguentado. Esse corpo cruelmente cortado, completamente retalhado e destroçado, será agora o espetáculo deles. O sol forte do meio-dia lança sua luz, geralmente tão benéfica, sobre esse corpo despido e faz com que todos o vejam. O calor do sol, geralmente tão reconfortante, faz com que todas as suas feridas doam mais. Meu Deus, isso é terrível. Será que tudo conspira para te fazer sofrer ainda mais? Os homens não são cruéis o suficiente para que até os insetos venham beber teu sangue à luz do sol e inflamar todas as tuas feridas? Ah, se ao menos tivessem deixado tua veste para poupar-te desse sofrimento lancinante e tivesse te coberto com ela, como um ser humano, para esconder seus terríveis maus-tratos dos olhos daqueles que se deleitam com isso. Mas, ah, isso é apenas um prelúdio. Cravado na Cruz, primeiro satisfarás o cruel desejo deles.

[142]

Décima Primeira Estação: Jesus é pregado na cruz

A árvore da Cruz foi plantada. O altar está pronto, no qual o Santo Sacrifício será consumado. Arrastam Jesus até lá.

Oh, Deus, como posso ver o que está prestes a acontecer? Cordas duras são amarradas ao redor de teu corpo, em torno de teus pulsos para erguer-te na Cruz

e então prender-te com pesados pregos. Pouco importa aos seus algozes se mais uma ferida é adicionada às inúmeras e terríveis que cobrem o seu corpo. Afinal, deves morrer de qualquer maneira, e quem tem compaixão por um crucificado? Não se trata de um escravo e, com certeza, não um que foi condenado à morte, condenado à escória da escravidão. Não se vê nele um ser humano; nesse estado, Ele é ainda menos que um animal. Nunca se pode tornar essa morte suficientemente cruel; ela deve ser tão cruel quanto possível. Essa morte, ó Jesus, Tu a quiseste morrer. Tu quiseste ser pregado na Cruz como o lixo da humanidade, como a vergonha do teu povo. Com puxões, eles trazem tuas mãos e pés para os buracos na trave da Cruz. Tuas terríveis torturas fizeram teu corpo se contrair e encolher. Sem necessidade. Os algozes preferem dilacerar teus membros a fazer novos furos. Eles não têm tempo para isso. Já estão pregando firmemente teus pés com largos e toscos pregos, que rasgam esses pés sob as cabeças dos pregos. Com violentos golpes de martelo, eles batem os pés. O prego já está na madeira. Ainda assim, eles batem mais fundo, mais firme, tão firme quanto podem. A mão esquerda está amarrada e agora pode ser pregada. A mão direita ainda gostaria de abraçar o carrasco, mas o seu querer está embotado pelo ofício manual que escolheu. Por um homem assim, semelhante a um animal, ó Deus, deixas-te pregar na Cruz. Ele não sabe o que faz. Tu oras por ele, mas teu sofrimento é ainda mais intenso. Jerusalém, ah, se ao menos reconhecesse hoje quem está pregando na Cruz. Mas a coisa mais terrível sobre o sofrimento de Jesus, por mais horrível que seja, é que seu amor é desprezado. Zombam ao redor d'Ele e gritam que, agora pregado, deve encontrar um modo de se soltar. Zombam de Sua impotência, enquanto uma simples palavra, um simples ato de sua vontade poderia tê-los destruído a todos.

[143]

Décima Segunda Estação: Jesus morreu na cruz

Jesus inclinou a cabeça e morreu. Está consumado. Está terminado. Por mais de três horas, o corpo conseguiu resistir à tortura da crucificação. Então, a batalha terminou. Três horas horríveis. O corpo pendurado pelas chagas das mãos e dos pés. Uma exaustão jamais conhecida deve ter afligido aquele corpo torturado. Torturado até a morte foi o Senhor. O peso do corpo estendeu ainda mais os membros e impõe-se enorme peso ainda mais nos buracos dos pregos.

Teus inimigos o observavam com prazer e alegria. Nada restou de tua grandeza e de tua glória. Nós o vimos, assim diz o profeta, mas Ele não era mais reconhecível, não havia nada que lembrasse sua beleza, todo brilho e esplendor haviam desaparecido. Ele, que era considerado o mais belo entre os homens, parecia o mais deformado de todos. De tua própria boca, ó, Jesus, ouvimos a amarga queixa: Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Não apenas tua alma, mas também teu corpo, embora tão unido à Divindade, perdeu neste terrível momento a presença visível da Divindade. Aqui está o prova de nossa fé. Aqui, ó Deus, até mesmo tua natureza humana parece destruída. Gostamos de te imaginar como o Rei de Israel e não podemos compreender a terrível destruição que Tu, não apenas como Deus, mas também como ser humano sofreste. Somos como os discípulos na estrada de Emaús, tolos e lentos na fé. Queremos ver tua divindade e esquecemos que disseste: “Bem-aventurados aqueles que não veem e ainda assim creem”⁹. Aqui está a prova, mas também a vitória de nossa fé. Ó, Deus, eu te adoro na tua destruição, na tua morte na Cruz. Que os outros balancem a cabeça e se escandalizem, eu não deixarei de te considerar exatamente assim, para que eu possa aprender o quanto Deus nos amou.

Mesmo depois de morto, os maus-tratos não cessaram, e quiseste nos revelar o amor de Seu Sagrado Coração. Para garantir que havias morrido, um dos soldados perfurou teu corpo inerte com sua lança. Não foi suficiente a tortura daquele corpo? Mas, oh, meu Deus, foi para fazer com que a última gota de teu sangue fluísse para mim e expusesse o Coração, a sede do teu infinito amor.

[144]

Décima Terceira Estação: Jesus é descido da cruz

Está consumado. A morte pôs fim ao sofrimento físico. O Deus-homem se tornou um cadáver. A vida se foi. A morte se apoderou do Senhor da vida. Ah, Jesus, o teu físico terminou, mas não a tua humilhação, não a tua destruição. Depois que, para garantir, um dos soldados cravou uma lança em teu corpo, agora a fúria dos teus algozes não pode mais fazer-te sofrer, porque a medida está completa, deixando-te para teus amigos. Um Jesus morto e coberto de vergonha, cuja morte o tornará conhecido pelo mundo como alguém cuja vida foi digna da

⁹ N.T. - Cf. Jo 20,29.

mais profunda vergonha, é isso que eles querem deixar como legado para os seus discípulos. Agora é que estes veem quão terrivelmente o seu querido Jesus sofreu. Eles ficaram de longe e nem sequer puderam se aproximar. Agora que seus inimigos partiram, e os amigos vieram, agora que Jesus morreu, a presença deles não pode mais aliviar seu sofrimento. Agora eles vêm e cuidadosamente o retiram do madeiro da vergonha, ao qual Ele foi pregado. Eles retiram os pregos das mãos e dos pés e é necessário cuidado para evitar uma maior deformação do corpo esticado e deslocado, completamente ferido. Agora, primeiro eles veem como as pontas da coroa de espinhos penetraram profundamente em sua cabeça e até mesmo tocaram o cérebro; agora eles veem como a pesada trave da Cruz deslocou o ombro, como a terrível flagelação arrancou pedaços inteiros de carne daquele corpo inocente, como os rudes pregos esmagaram completamente as mãos, e os pés estão completamente desmembrados, como os algozes impiedosos puxaram e deslocaram os membros para poderem pregá-los na Cruz e, consternados, seus olhos olham para a ferida aberta do lado, através da qual veem o Coração Divino traspassado no peito. A Face Divina está irreconhecível; apenas a expressão de amor gentil e o sofrimento infinito, de paciência sem queixas em meio ao mais intenso sofrimento, permitem que eles reconheçam ainda o seu Jesus. Ó, Jesus, permita-me, com teus amigos, contemplar teu corpo torturado até a morte e irreconhecível, e ver como me amaste. Não permita que eu desvie meus olhos dessa terrível desfiguração, da qual minha imaginação dá uma representação fraca demais.

[145]

Décima Quarta Estação: Jesus é levado ao sepulcro

A última e triste passagem. Cristo, meu Senhor e Deus, é levado para o sepulcro, retirado do reino dos vivos. Logo a pedra o fechará, e Jesus não mais estará aqui, assim pensam seus inimigos. Eles lhe concedem uma sepultura gloriosa, se Ele estiver morto e enterrado, se Ele estiver ausente e fora de vista, logo não se falará mais dele. O sepulcro ainda será tua mais profunda humilhação. Oh, quando pensamos em nossa própria descida ao sepulcro, trememos diante dessa destruição. Mas Deus, tornando-se humano por nossa causa, sendo levado à morte e ao sepulcro, isso leva a destruição tão longe que não podemos nem imaginar. Não foi suficiente que morresses como o mais desprezível dos mortais,

sofresses as torturas mais cruéis, te autodestrúisses completamente. Poderia, naquele momento, a tua profunda humilhação não ter sido transformada na glória da ressurreição? Tu não quiseste. Que triste destino para teus amigos. Certamente, eles esperavam pela ressurreição, não podiam compreender que agora tudo tinha acabado para ti. Mas a fé deles foi posta à prova, e eles precisaram da tua graça, ó, meu Deus, para contemplar o Deus-homem, agora morto, naquele corpo levado ao túmulo. Maria, tua doce Mãe, é força e apoio para eles. Ela não vacila, embora a espada afiada da dor atravesse sua alma. Ela compartilha tua humilhação, chora tua destruição, mas espera tua ressurreição. Sua coragem e sua confiança mantêm os demais firmes. Chorando, mas não sem esperança, eles seguem o triste caminho fúnebre até o sepultamento, logo envolverão o santo Corpo em mortalhas brancas, com as quais o levarão para a sepultura. É a única homenagem póstuma que podem fazer e que ainda é uma prova do seu amor, ó, sagradas mortalhas, nas quais se destacam as marcas do corpo dilacerado e que ainda hoje nos permitem contemplar a figura do Salvador. Ó, Jesus, que a minha alma também seja um sudário no qual te colocam para descansar. Que nela também se delineie a imagem do Senhor, para que eu sempre me lembre de como Jesus me ama.

Dr. Titus Brandsma, Ord. Carm.

Oss, Domingo de Ramos da Paixão do Senhor de 1921

REFERÊNCIAS

BRANDSMA, Titus. **Godsbegrip**. Dekker van de Vegt Boekverkoepers: Nijmegen-Utrecht, 1932. Disponível em: <https://www.titusbrandsmateksten.nl/godsbegrip/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

BRANDSMA, Titus. **A pergunta, na qual**. Tradução de Bruno Schröder. Niágara Falls, Ontário: [s.n.], 1935. Disponível em: <https://www.titusbrandsmateksten.nl/a-pergunta-na-qual/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

BRANDSMA, Titus. **De Kruisweg door Albert Servaes**. Oss: [s.n.]: 1921. Disponível em: <https://www.titusbrandsmateksten.nl/de-kruisweg-door-albert-servaes/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

BRANDSMA, Titus. Paz e amor à paz. [1931]. Tradução de Bruno Schröder. **Sapere Aude**: Revista de Filosofia da PUC Minas. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 14, n. 28. p. 794-804. jul/dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/31375/21796>.

Acesso em: 30. nov. 2024.

ROMERAL, Fernando Millán. **Tito Brandsma**. Lisboa: Ordem do Carmo em Portugal, 2018.

SERVÆS, Albert. **Kruisweg van Luithagen**, Luithagen, 1919. Disponível em: <https://www.kruiswegstaties.nl/nl/albert-servaes/kruisweg-van-luithagen-1919/>. Acesso em: 09 jul. 2024.